

SEM INSPIRAÇÃO, O CRONISTA DIVAGA

José Benjamim de Lima

“O escritor é um homem que passa a vida conversando consigo mesmo”.
(Fernando Sabino)

Manhãzinha, em minha mesa de trabalho, tentando escrever algo. Nada me ocorre, neste quase final de agosto, relutante entre o frio que ensaia ir embora, e o calor tépido que espera setembro e a primavera. Penso em quanto seria bom contar com a cumplicidade e ajuda de meus leitores, propondo-me desafios. Mas quase não tenho leitores, estão todos ocupados com coisas mais sérias. À míngua de leitores, só me resta saudar a luz radiante do sol que vejo neste momento.

- Bom dia! – ouço uma pessoa dizendo a outra, lá fora.

Realmente, é um bom dia – claro, ensolarado, entusiasmante. Dar vivas ao dia, ao sol, às árvores, às flores, aos pássaros, aos humanos, logo de manhã, quando a gente acorda, é promissor. O personagem do filme “Dias Perfeitos”, de Wim Wenders, faz isso diariamente, quase como uma oração; incorporou esse hábito ao seu modo de ser e parece viver melhor do que as outras pessoas de seu entorno.

Em meio a um promissor bom dia, o mundo real, entre esperanças, desafios e desânimos, embaralha as suas cartas. Muitas vezes sofremos antecipadamente, superdimensionando dificuldades e perigos. Mas logo que enfrentamos a situação para valer, constamos, surpresos, que as dificuldades não eram tantas quanto imaginávamos. Tudo é uma questão de estar bem ou maldisposto, como disse Fernando Pessoa na Tabacaria, se não me engano. Adeus, ó Esteves, não há universo mais tranquilo e harmônico que o da Tabacaria, se a placa da loja não cai sobre a nossa cabeça. Escrever é mais ou menos assim.

Escrever é fumar. Uma espécie de vício bom (se é que existem bons vícios). A diferença é que (geralmente) não nos faz mal. Fumei muitos anos, na mocidade. Pensava, na época, como Fernando Pessoa: “enquanto o destino mo conceder, continuarei fumando”. Sob o efeito do cigarro parece que ficamos mais criativos, quem sabe até mais heroicos. Felizmente, consegui deter esse heroísmo a tempo. A música ocupou o seu lugar. Não com a mesma eficiência e charme, admito. A vida é como um filme, e os filmes perderiam boa parte da graça sem acompanhamento musical, diagrama sonoro modulando a intensidade das ações e emoções. Cigarro, escrita, música, muletas...

Gosto de ouvir música enquanto tento escrever. Ela estimula e inspira, ajuda a colocar sobre as ideias “o manto diáfano da fantasia” (para usar uma expressão de Eça de Queiroz que vem a calhar). Catalisa as emoções que procuram palavras, abre as janelas do devaneio, do sonho, ou ajudam a iluminar com mais nitidez a realidade, a enxergar em suas dobras o que nela se oculta.

Li, certa vez, que Rubem Fonseca escrevia ouvindo música em alto volume, clássica ou *rock* pesado. Seus textos parecem mesmo produzidos ao som de bandas *heavy metal*. São ensurdecadora e freneticamente cruéis. Puro *heavy* em prosa, hiper-realismo impiedoso, um pouco na linha de Flannery O’Connor, Faulkner, Carve, Cormac McCarthy e outros, adaptado ao inferno urbano brasileiro. A tônica da modernidade, este mundo de ruínas. Gosto também do Rubem, mas prefiro Machado de Assis, J.J.Veiga ou Guimarães Rosa, mais suaves na sua concepção de vida e escrita. A ironia machadiana é às vezes cruel, mas sempre deixa – exatamente por ser ironia - uma brecha de desafo. Veiga é às vezes inquietante com suas fábulas de horror difuso, disfarçado como quem nada quer, mas não agride, desconversa, e seus personagens infantis parecem portadores de esperança. Rosa é pura beleza, plácida vertigem, mesmo com o diabo no meio do rodamoinho.

- Bom dia! “E o homem da Tabacaria sorriu”
(limajb48@gmail.com)